

SARTO, Du. (SARTO, Luiz Carlos Costa). O “*Sistema Cultural*” em Processos de Criação Cênica. Ouro Preto/ Minas Gerais: Universidade Federal de Ouro Preto. Universidade Federal de Ouro Preto; Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas; Rogério Santos de Oliveira; Bolsista Capes. Diretor teatral e ator.

RESUMO

Ao iniciar um processo de criação o diretor teatral, em geral, reflete sobre as possibilidades de execução e a condução das atividades que serão constituídas em sala de ensaio. Esta reflexão se faz no intuito de organizar possíveis metodologias, desenvolver técnicas e indicar estéticas a serem abordadas e/ou investigadas na construção de um produto cênico. Deste modo, ao pensarmos atores envolvidos em um processo de criação cênica conduzido por um diretor, suscitamos que este segundo possa investigar os meios mais eficazes para conduzi-los a um processo específico de criação, e posteriormente a um produto cênico análogo a proposta planejada inicialmente. Assim, o trabalho em sala de ensaio - pensado sobre o modelo referido acima - pode vir a desenvolver em cada etapa de seu processo criativo a efetivação de determinadas técnicas, jogos cênicos e/ou ações criativas junto aos atores, derivando uma relação de códigos e comportamentos estabelecidos e compartilhados entre os envolvidos: atores e direção. Dessa maneira, a partir do diálogo com os autores Clifford Geertz (1973), Roque de Barros Laraia (1986) e Milton Santos (2002) entendemos neste estudo o desenvolvimento dos processos criativos realizados em sala de ensaio como uma maneira de comunicação entre ator e diretor, com seu espaço e seus companheiros de trabalho, produzindo ali, uma sucessão de códigos, estruturas, relações e comportamentos próprios daquele espaço, que podem vir a se conformar como um “*sistema cultural*” próprio do processo de criação cênica elaborado.

PALAVRAS CHAVE: Direção Teatral: Processos de Criação: Interpretação Teatral: Cultura.

ABSTRACT

When starting a process of creating the theater director, in general, reflects on the possibilities of implementation and the conduct of activities that will be organized in the rehearsal room. This reflection is in order to arrange possible methodologies, develop technical and aesthetic display to be addressed and / or investigated in building a scenic product. Thus, we think the actors involved in the process of creating scenic led by a director, who have raised this second to investigate the most effective ways to lead them to a specific process of creation, and later the scenic product similar proposal initially planned. Thus, work in the rehearsal room - thinking about the model above - may ultimately develop in each stage of the creative process the effectiveness of certain techniques, scenic plays and / or creative actions for stakeholders, deriving a relationship Codes behaviors established and shared among those involved: actors and direction. Thus, from the dialogue with the authors Clifford Geertz (1973), Roque de Barros Laraia (1986) and Milton Santos (2002) understand this study the development of creative processes carried out in the rehearsal room as a way of communication between actor and director, with your space and your fellow workers, producing there, a succession of codes, structures, relations and that space, that can come to conform himself as a "cultural system" of the elaborate scenic creation process behaviors themselves.

KEYWORDS: Theater Directing: Creation Processes: Theatrical Interpretation: Culture.

Em um processo de criação cênica tradicional o diretor, geralmente, planeja as atividades a serem desenvolvidas e as executa em sala de ensaio para o desenvolvimento do processo de criação proposto. Como características deste planejamento inicial: o desenvolvimento de metodologias, a aplicação de técnicas e/ou indicações estéticas a serem investigadas e/ou utilizadas no desenvolver do processo de criação.

No desenvolver destas atividades de criação propostas, acreditamos que exista uma interação entre os elementos cênicos envolvidos¹. E também que esta interação possa originar uma série de relações entre estes elementos, de tal maneira, a se transformarem em um conjunto padronizado de materiais criativos desenvolvidos pelos participantes do dado processo, quase como uma conduta específica ou um vocabulário de ações, que por sua vez dominados pelos integrantes de determinado grupo, formaliza um sistema próprio de comunicação, estabelecendo uma linguagem em comum aos envolvidos.

Referimo-nos nesta fase inicial de pesquisa somente a relação estabelecida entre ator e diretor desenvolvida durante a criação, pois apesar da variedade possível de elementos cênicos contidos num processo de criação, manteremos como foco de pesquisa a ação destes indivíduos. Isto, por serem eleitos aqui, como os primeiros elementos causadores desta ação² - elemento fundamental na criação cênica - e no estabelecimento de relações, além de seu estabelecimento entre os outros possíveis elementos criativos que possam ser acrescidos em um processo criativo. Assim, a partir desta relação, entre o conteúdo desenvolvido pelo diretor junto aos atores, e o estabelecimento das relações dos atores com este conteúdo, e quiçá com outros elementos advindos da criação, acreditamos originar-se neste espaço de ensaio um provável “*sistema cultural*” de criação, específico e reconstituído a cada novo processo de criação desenvolvido por um grupo de indivíduos artistas.

Para Santos (2002, p. 326): “A cultura, maneira de comunicação do individuo e do grupo com o universo, é uma herança, mas também uma reaprendizagem das relações profundas entre o homem e seu entorno.” Já para Geertz (*apud* Laraia, 2009, p.63): “Estudar a cultura é, portanto, estudar um código de símbolos partilhados pelos membros dessa cultura”. Ainda para ele (Geertz *apud* Laraia, 2009, p.63) “os símbolos e os significados são partilhados pelos atores (os membros de um sistema cultural) entre eles.”.

Para Laraia:

O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridas pelas numerosas gerações que o antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e a invenções. Estas não são, pois, o produto da ação isolada de um gênio, mas o resultado do esforço de toda uma comunidade. (Laraia, 2013, p.45)

Estas relações de conhecimento e aprendizado repassadas de geração em geração podem ser vistas como elementos de constatação da cultura em uma sociedade, quiçá a própria cultura, que dinâmica³, sempre se coloca em movimento de ação e reconstrução

através das experiências adquiridas, repassadas e renovadas pelos seus próprios membros envolvidos num dado contexto sociocultural. Para Geertz (1973, p.39) “As formas da sociedade são a substância da cultura”. Pensamos então que: O que seria a construção de um processo cênico de criação senão uma forma de sociedade específica, e que desenvolve sua própria cultura?

A princípio já para uma reflexão breve, pensemos sobre este processo de criação cênica como sendo, um lugar em desenvolvimento, sempre dinâmico, onde as ações dos envolvidos fundam um dado grupo social, e através da relação gerada entre estes estabelece suas vivências em um mesmo espaço-tempo, assim originando modelos de comunicação, de aprendizagem e assim a padronização de uma linguagem em comum. Destacamos aqui alguns paralelos junto ao conceito de *cultura* que podem elucidar nosso pensamento: **1 a cultura como determinante no comportamento do homem e influenciadora de suas realizações** – Que no processo de criação: pode ser visto como o grupo de artistas reunidos em uma sociedade específica e que reproduz cotidianamente sua linguagem de trabalho e reaprendizagem da mesma; **2 a ação do homem sob os aspectos de padrões culturais** – Que no processo de criação: podem ser vistos como os padrões de linguagem e códigos estabelecidos pelos artistas em criação; **3 o processo de troca envolvido na aprendizagem para dada função** – Que no processo de criação: pode ser visto como as relações entre os envolvidos geradas pelas práticas de atividades individuais/coletivas e que trazem um conhecimento adquirido para o desenvolvimento de dada atividade criativa ou técnica; além do processo acumulativo adquirido por uma relação histórica com suas ações passadas estimulando a ação criativa e a produção de um novo material a partir de produções já realizadas – e por ultimo, **4 a geração de símbolos e códigos próprios** – Que no processo de criação: podem ser vistos como as ações, jogos, condutas, signos, estruturas físicas, marcos temporais, entre outros - que se repetem cotidianamente, e dia a dia, vão se compondo e gerando novos materiais criativos num procedimento de “reavivamento” e continuidade do processo de criação.

Os símbolos e significados são partilhados pelos atores (os membros de um sistema cultural) entre eles, mas não dentro deles. São públicos e não privados. (...) Estudar cultura é, portanto, estudar um código de símbolos partilhados pelos membros dessa cultura (GEERTZ *apud* Laraia, 2013:63).

Também se faz interessante para nós, o pensamento de Geertz (1973) em relação ao símbolo e a percepção do homem como ser cultural, envolvido em uma cultura específica e que se manifesta e se comunica através de símbolos dessa cultura, fazendo deles códigos e marcos de suas presença e historicidade naquela determinada sociedade. Voltemos a pensar num processo de criação cênica, onde a simbolização como maneira de comunicação e percepção do individual e coletivo também é bastante pertinente, e necessária para um entendimento do que está sendo produzido e desenvolvido como material criativo, pois ao gerar símbolos para demarcar aquela vivência coletiva ou uma ação individual, os artistas conformam um sistema de comunicação entre si, que possivelmente será reestabelecido a cada reencontro e gerará uma linguagem comum a todos, tornando-o, um significado padronizado do que foi apreendido por todos os participantes daquela esfera cultural. Assim formando padrões de comunicação, ou podemos dizer, *padrões culturais* entre os envolvidos. O conceito de *cultura* para Geertz:

Denota um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida (Geertz, 1973, p.103).

Acreditamos ser esta abordagem, da *cultura* como *sistema simbólico*, bastante útil em nosso intento de alcançar um conceito de cultura que abarque as investigações da construção e o possível ambiente cultural desenvolvido na criação de um processo cênico, tanto por suas características ligadas a uma análise semiótica dos elementos que para o autor compõe a cultura, quanto por suas definições abrangentes em relação aos termos: símbolos, sistema social, padrão de comportamento e sistema cultural. Ao produzir um material criativo, através de jogos e ações cênicas, e estabelecê-lo como padrão de conduta entre envolvidos, estes constroem a partir de seus códigos e signos próprios um *sistema cultural* do processo criativo no qual estão envolvidos, que pode ser apreendido e ressignificado pelo próprio grupo de artistas em criação a todo o momento. Pensamos o processo de criação como sendo um ambiente social, e acreditamos que ele também venha a ser um ambiente potencializador de uma *cultura*, padronizado por *sistemas culturais* próprios de seu desenvolvimento e por suas atividades criativas.

Portanto, entendemos os processos cênicos em espaço de criação - espaço de ensaio - em desenvolvimento entre ator(es) e diretor, como sendo uma maneira de comunicação dos mesmos: com seu espaço, seus companheiros de trabalho, entre suas ações ali realizadas e suas memórias advindas do próprio processo criativo em desenvolvimento. Produzindo assim, uma sucessão de signos, estruturas, relações e comportamentos próprios daquele grupo em estado criativo e que são apreendidos e partilhados pelos membros do mesmo, assim se conformando como um *sistema cultural* específico do processo de criação cênica estabelecido.

¹ Como elementos cênicos entendemos todos os elementos que possam vir a constituir a cena como: diretor, atores, performers, bailarinos, textos, objetos, iluminação, cenário, figurino entre outros.

² Entendemos aqui “ação” como sendo “iniciar, por em movimento” (ARENDDT, 2003,p.190).

³ “No *Manifesto sobre aculturação*, resultado de um seminário realizado na Universidade de Stanford, em 1953, os autores afirmam que ‘qualquer sistema cultural está num contínuo processo de modificação’ (Laraia, 2013:96).

Bibliografia:

ARENDDT, Hannah. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2003.

BRAUN, Edward. *El director y la escena*. Del naturalismo a Grotowski. Buenos Aires, Ed Galerna, 1986.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas*. São Paulo, EDUSP, 1998.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, Ed Zahar, 1973.

HOBBSAWN, Eric. RANGER, Terence. *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1984.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2009.

OLIVEIRA, Rogério Santos de. *O Espaço-Tempo da Vertigem*. Grupo Teatro da Vertigem. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro, 2005.

ROUBINE, Jean-Jaques. *A Linguagem da Encenação Teatral*. Rio de Janeiro, Ed Zahar, 1998.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço*. São Paulo: Editora EDUSP, 2002.